



Amazônia: lágrimas de crocodilo

ARGEMIRO PROCOPIO*

Só na Europa existem, atualmente, cerca de 200 centrais nucleares em funcionamento. É sabido seu perigo, dos riscos a que elas expõem permanentemente o homem e a natureza. Pior de tudo é que acidentes nucleares de monta não têm ainda tecnologia suficiente para seu controle. Podem colocar em jogo a vida de todos os homens.

Mas, hoje, grande parte da opinião pública dos países desenvolvidos, que convive no seu dia-a-dia com a energia gerada por centrais nucleares, está sendo induzida a pensar que a ameaça à sobrevivência do planeta está nas queimadas da Amazônia, falsamente descrita como o pulmão da terra.

A discussão ecológica transformou a Amazônia em questão central diante dos olhos do mundo; parece que está sendo utilizada até mesmo para desviar a atenção de problemas ambientais internos de vários países. Assim, os graves efeitos das chuvas ácidas metem menos medo. Tenta-se acabar com o pesadelo das consequências ainda sentidas do acidente em Seveso, na Itália, Three Mile Island, nos Estados Unidos, Chernobyl, na União Soviética, e Bophal, na Índia, onde as famílias das duas mil pessoas mortas ainda lutam na justiça para receber o que reclamaram contra a multinacional norte-americana Union Carbide.

QUESTÃO ESTRUTURAL

Manipulada, a opinião pública vai sendo levada por análises de conjuntura. Esquece que os maiores problemas pertinentes ao meio ambiente no Terceiro Mundo nascem das desigualdades entre as nações e que são de ordem fundamentalmente estrutural. É necessário compreender a questão ambiental dentro de um todo. Juntamente com o armamentismo — que garante os privilégios dos países ricos, — a geração e o uso de energia para atender ao consumismo da privilegiada casta dos países centrais, constituem as principais causas dos desequilíbrios ecológicos.

O consumo energético de um cidadão suíço de classe média corresponde ao de aproximadamente meia centena de fave-

lados paulistanos. Que se tome como base de comprovação o *modus-vivendi* e a parafernália plástico-metálica de seu habitat. Só o fato de poder voar de vez em quando em aviões que bebendo querosene emporcalham os céus, ter um carro a gasolina, ar-condicionado, televisão, aquecedores, usar cremes e xampus, desodorantes, talcos, e ter um abarrotado guarda-roupa, etc., já dá idéia de quanto custa esta gente para a natureza. Todavia, é desta espécie de sociedade que chegam as maiores preocupações quanto à explosão demográfica, as receitas para conter o crescimento populacional e ilções de ecologia!

Para se acreditar no discurso que chega dos países altamente industrializados, sua sociedade deverá antes dar exemplos e provas de coerência. Serão mais eficazes que as mesquinhas pressões via boicotes, como as recentemente impostas sobre o Brasil pelo Banco Mundial. Ainda que cesse por completo a prática das queimadas na Amazônia — que todos somos contra, inclusive a que recebe o nome de coivara, feita pelos índios em suas plantações, o meio ambiente continuará correndo os mesmos riscos. Isto se a questão da poluição industrial e urbana não for urgentemente solucionada.

Em se sabendo que a degradação ambiental como a que sofre São Paulo e a cidade do México causam graves enfermidades, fazem muitíssimo mais vítimas que as abomináveis queimadas, qual a razão do silêncio internacional diante de tais problemas? Por outro lado, por que tanta preocupação pela Amazônia, justamente agora que o segmento nacionalista das Forças Armadas passou, através do Projeto Calha Norte, a dar passos concretos no processo de sua defesa, cobrindo inclusive a ação do narco-tráfico?

RAÍZES DO FOGO

Enquanto as chaminés das multinacionais insistirem em despejar fumaças tóxicas em nossas cabeças, continuarem fabricando no Brasil dois tipos de automóveis, ou seja, os com controle de poluição para o exterior e os mais poluentes

para o consumo interno, não há como deixar de ver as lágrimas ecológicas derramadas no exterior pela Amazônia, como lágrimas de crocodilo.

A Região Amazônica, desde os anos 70, com o processo de expansão da fronteira agrícola, vem se transformando em paraíso das multinacionais dos agrotóxicos e grupos estrangeiros que de lá extraem gigantescos lucros, sempre remetidos para o exterior. A soja e a bovinocultura que sucedem as queimadas, estão dentre os itens que mais contribuem para o superávit da balança comercial que permite o pagamento dos juros da dívida externa.

Nas denúncias sobre a degradação do meio ambiente amazônico, poucos no exterior as associam ao problema do endividamento. Muito menos ainda é dito a respeito da ação nefasta dos oligopólios, da concentração das terras em mãos de poucos e da mineração feita de maneira poluente e depredante. Que parte substancial da destruição ecológica, que o fogo na Amazônia é igualmente ateadado pelos interesses do capital internacional.

Como exemplo podem ser citados muitos grupos. Entre eles o Liquefarm e Ente Nacional Idrocarbureti da Itália; a Bruynzeel Madeiras S/A que é holandesa; Georgia Pacific Co., Madeiras Gerais da Amazônia S.A do norte-americano Robin Hollie Mc Glohn; Toyomenka do Japão; Cia. Vale do Cristalino da Volkswagen; Brascan do Canadá e King's Ranch dos EUA. Isto sem falar na Nestlé, Goodyear, Borden e Anderson Clayton que igualmente ajudaram a queimar parte da Amazônia Legal para criar o boi.

É bom pois que o Brasil vá cuidadosamente se prevenindo. Da mesma forma como muitos crimes são cometidos em nome da liberdade, também invocando a ecologia muitas ações poderão ser empreendidas contra os interesses nacionais, dando forças às perigosas teses de internacionalização da Amazônia brasileira.

*Argemiro Prociópio é Doutor em Sociologia pela Universidade de Berlim e Coordenador da Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Brasília